



# THE INVISIBLE MAN

H. G. WELLS



The logo for SAGA EGMONT, featuring a stylized white figure resembling a knight or a dragon on the left, followed by the word "SAGA" in a large, serif font and "EGMONT" in a smaller, sans-serif font below it.

SAGA  
EGMONT

The book cover features a man in a dark blue pinstriped suit and a dark fedora hat. His face is completely obscured by white bandages. He stands in a narrow, cobblestone alleyway at night. The walls are made of rough, textured stone. A single street lamp on the right wall is lit, casting a warm, yellow glow. The sky is dark with a full moon visible in the upper left. The title "THE INVISIBLE MAN" is printed in large, bold, white letters across the center of the man's suit.

THE INVISIBLE MAN

H. G. WELLS

H. G. Wells

# O homem invisível

Tradução de  
Monteiro lobato

SAGA Egmont

*O homem invisível*

Translated by Monteiro Lobato

Original title: *The Invisible Man*

Original language: English

Os personagens e a linguagem usados nesta obra não refletem a opinião da editora. A obra é publicada enquanto documento histórico que descreve as percepções humanas vigentes no momento de sua escrita.

Cover image: Shutterstock

Copyright © 1897, 2021 SAGA Egmont

All rights reserved

ISBN: 9788726621525

1st ebook edition

Format: EPUB 3.0

No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted, in any form or by any means without the prior written permission of the publisher, nor, be otherwise circulated in any form of binding or cover other than in which it is published and without a similar condition being imposed on the subsequent purchaser.

This work is republished as a historical document. It contains contemporary use of language.

[www.sagaegmont.com](http://www.sagaegmont.com)

Saga Egmont - a part of Egmont, [www.egmont.com](http://www.egmont.com)

# O Homen Invisível

H. G. Wells (1866-1946) era filho de um modesto logista. Não conseguindo estabelecer-se como comerciante, dedicou-se ao magistério numa escola secundária. Aos 18 anos, obteve uma bolsa de estudos que lhe permitiu cursar ciências com o famoso Thomas Huxley. Formou-se em Londres em 1888, tornando-se professor de ciências. Em 1893, abandonou o magistério para escrever. Como escritor exerceu grande influência, principalmente sobre os jovens.

Júlio Verne e Wells foram os dois maiores profetas da evolução ou da revolução da tecnologia. Muitas de suas fantásticas previsões já foram superadas pela realidade. Mas O HOMEM INVISÍVEL permanece à frente da ciência, à espera da ciência...

# H. G. Wells

## SUA VIDA

*Filho de pais modestos, nasceu em Bromley (Kent), Inglaterra, e faleceu em Londres. Foi sociólogo, historiador e grande escritor de science fiction. Estudou no Royal College of Science de South Kensington e formou-se em Biologia pela Universidade de Londres. Seu primeiro livro foi publicado com o título "Select Conversations With an Uncle" e como novelista iniciou-se com "The Time Machine", de imediato sucesso. Explorou todo o campo científico e foi, juntamente com Júlio Verne, o pioneiro da narrativa de ficção. Depois, interessando-se pelo conflito das classes sociais, se propôs a reformador e profeta, numa tentativa de "salvar a humanidade". Socialista sem ser marxista, resume sua ideologia na luta do homem contra a natureza e conseqüentemente contra si mesmo. Impressionantes por seu realismo e grande precisão, suas obras se fundem num misto de romance, crônica e polêmica.*

## SUAS OBRAS PRINCIPAIS

*A Máquina do Tempo  
A Guerra dos Mundos  
O Homem Invisível  
A Ilha do Dr. Moreau  
Tomo-Bungay  
Socialismo e Casamento  
A Ciência da Vida*

## A chegada do homem estranho

MUITO cedo naquela triste manhã de fevereiro — manhã de vento e neve, justamente a última nevada do ano, uma estranha criatura entrou no albergue. Viera a pé da *Bramblehurst Station*, trazendo uma pequena mala preta. Bem encastado da cabeça aos pés, luvas grossas, aba do chapéu de feltro a esconder-lhe a cara toda exceto a ponta luzidia do nariz. A neve acumulara-se em seus ombros e no peito.

Entrara cambaleante pelo *Coach & Horse* adentro, mais morto que vivo, e jogara a mala a um canto, pedindo pelo amor de Deus um quarto e fogo. Depois bateu os pés, sacudiu-se da neve e acompanhou Mrs. Hall ao escritório para regular o trato. Lá jogou sobre a mesa dois soberanos e recebeu a indicação do seu aposento.

Mrs. Hall atiçou o fogo da lareira e, deixando-o na sala, foi preparar ela mesma a refeição. Hóspede ali em Iping durante o rigor do inverno era *avis rara*, ainda mais hóspede nada forreta; isso a estimulava a mostrar-se merecedora da honra insigne.

Enquanto o *bacon* e os ovos se frigiam e a pálida Millie ia ouvindo os ralhos do costume, Mrs. Hall pôs a mesa arrumando toalha e pratos com desusada vivacidade. O fogo estava bem forte e a sala já bem aquecida. Mesmo assim o homem conservava-se de sobretudo e chapéu na



cabeça, com os olhos na neve que caía no pátio. Tinha às costas as mãos enluvadas e parecia absorto em cismas. Notando que a neve que se derretia em seus ombros pingava gotas sobre o tapete, Mrs. Hall sugeriu:

— Não quer tirar o sobretudo e o chapéu para que se enxuguem na cozinha?

— Não — respondeu o homem sem voltar-se, e tão baixo que Mrs. Hall chegou a entreabrir a boca para repetir a pergunta. Nisto ele voltou-se e disse categórico: — Prefiro não tirar coisa nenhuma.

Nesse momento Mrs. Hall viu que seus óculos e a barba espessa lhe ocultavam completamente o rosto.

— Como queira, meu senhor. Daqui a pouco a sala estará quente demais.

O homem nada respondeu; limitou-se a voltar à posição primitiva. Vendo que ele não estava para prosas, Mrs. Hall completou o arranjo da mesa e foi à cozinha buscar os ovos. De volta encontrou-o na mesma posição, como se fosse de pedra, sempre de gola erguida e chapéu desabado. Mrs. Hall pôs na mesa os ovos com *bacon* e disse em tom teatral:

— O lanche está servido, senhor.

— Obrigado — foi a resposta do homem de pedra, que não se mexeu do lugar enquanto a hospedeira se conservou na sala. Só depois que a viu retirar-se é que se dirigiu à mesa e com alguma precipitação.

Ao atravessar a copa Mrs. Hall ouviu um *chirk, chirk, chirk* de colher em tigela.

— A pasmada! — murmurou, e entrando na cozinha tomou das mãos de Millie a tigela de mostarda. — Lerda como sempre. Já fritei os ovos e o *bacon*, já pus a mesa e o mais, e a mostarda ainda neste ponto! E isto com um hóspede que paga adiantado e promete render — num ápice aprontou a mostarda, pô-la na mostardeira e levou-a

para a sala na melhor bandeja que havia, uma de frisos dourados.

Ao penetrar na sala viu o hóspede abaixar-se de súbito como para apanhar qualquer coisa que houvesse caído. Colocou diante dele a mostarda e notou que o sobretudo e o chapéu estavam numa cadeira perto do fogo. Também viu lá as botas, a estorricarem-se junto ao *fender*. Foi recolher aquilo, murmurando era tom de não admitir réplica: — Seco já isto lá na cozinha.

— Deixe o chapéu — ordenou o homem em voz amordaçada.

Surpresa, Mrs. Hall voltou-se e o viu já erguido, a encará-la. Ficou estarrecida. O hóspede tinha a boca tapada com um lenço que lhe escondia toda a parte inferior do rosto. Mas não foi isso o que a assustou, e sim o fato de ter a testa enfaixada, e abaixo dos óculos outra faixa que lhe escondia todo o rosto e as orelhas, só deixando à mostra o nariz luzidio. Um nariz muito vermelho. Quanto ao mais, trajava casaco de veludo escuro e um colarinho de engolir o pescoço. Os cabelos mostravam-se em mechas louras, escapas por entre os vãos do enfaixamento. Tudo aquilo dava ao seu hóspede o mais estranho dos aspectos.

Não tirava da boca o lenço e foi sempre a sustê-lo com a mão enluvada e a olhá-la com aquele seu estranho modo de olhar, que repetiu a ordem no mesmo tom amordaçado:

— Deixe o chapéu!

Os nervos de Mrs. Hall a custo se recobravam do choque recebido. Largou o chapéu na cadeira, desculpando-se:

— Eu não sabia que... — mas não pôde concluir a frase.

— Obrigado — murmurou o homem secamente, com os olhos alternativamente nela e na porta.

— Eu secaria tudo num instante, meu senhor — disse Mrs. Hall, saindo com o sobretudo e as botas, não sem uma última olhadela para a cabeça enfaixada. Foi com um

arrepio a percorrer-lhe a espinha que fechou a porta sobre si.

— Nunca imaginei coisa assim! — murmurou consigo, com a surpresa e a perplexidade impressas nos olhos; e tão preocupada entrou na cozinha que até se esqueceu de ralhar com a Millie.

O hóspede ficou uns instantes atento ao rumor dos seus passos; em seguida espiou do lado da janela. Só então tirou da boca o lenço e retomou a refeição interrompida. Após uma garfada ergueu-se para ir baixar completamente os estores, desse modo au mentando o escuro da sala. Mostrou-se então mais sossegado.

— O filho de Deus teve algum desastre ou operação, qualquer coisa assim. Que susto me fez aquela faixaria pelo rosto! — ia murmurando consigo Mrs. Hall enquanto abria o sobretudo sobre um cavalete junto ao fogão. — E os tais óculos! Mais parece um judas que um homem... — pendurou depois as botas, acrescentando: — Falava amordaçado... Deve estar também com a boca ferida ou aleijada.

Súbito, voltou-se como quem se lembra de qualquer coisa: — Já fez a cama do hóspede? Essa pasmada!...

Quando Mrs. Hall regressou à sala para retirar a mesa sua idéia de que a boca do homem também estava doente confirmouse, pois, embora estivesse a fumar o seu cachimbo, mantinha o lenço na mesma posição. E não era por esquecimento, visto que estava bem alerta, a seguir no ar as volutas da fumaça. Conservava-se de costas para a janela e falava com menos agressividade, agora que comera e bebera bem.

— Tenho a bagagem na *Bramblehurst Station* — disse ele — e preciso que a tragam para aqui.

— Só amanhã, meu senhor — respondeu Mrs. Hall.

— Não poderá ser hoje mesmo? Não haverá por aqui algum carrinho de mão? — insistiu ele, mostrando-se desapontado com o não da hospedeira.

— Carro, o que havia foi-se. Faz já um ano que o único carro existente por aqui despenhou-se ladeira abaixo, matando um homem e o cocheiro. Há coisas neste mundo que acontecem num instantinho, o senhor bem sabe — acrescentou, como para provocá-lo a contar o que lhe acontecera.

O hóspede, entretanto, não se abria com facilidade; limitou-se a concordar que sim, sempre com aqueles impenetráveis vidros dos óculos voltados para ela.

— Mas não duram, essas coisas; saram logo e é o que vale — continuou a mulher. — O Tom, filho de minha irmã, foi assim. Cortou-se num alfanje: tropeçou em cima num campo de feno e teve de passar três meses de perna amarrada. Uma tragédia, senhor. Por essas e outras é que tenho horror a alfanjes.

— Imagino — disse o hóspede.

— Tivemos até medo de que fosse necessária uma operação, tão mal ficou o filho de Deus!

O hóspede riu-se, uma risada latida e que parou de brusco. — Sim? — murmurou depois.

— É verdade, meu senhor. E não era nada de rir, com o muito que já tínhamos feito por ele. Minha irmã, coitada, viveu em apuros. Eram faixas e mais faixas de gaze, e curativos todo o santo dia. Por isso é que...

— Pode arranjar-me uma caixa de fósforos? — interrompeu o homem.

Mrs. Hall irritou-se com a desatenção e já ia abrindo a boca para “uma boa”; a lembrança, porém, dos dois soberanos tão amarelinhos fê-la engolir o revide e sair muito tesa em busca dos fósforos.



— Obrigado — disse concisamente o hóspede ao recebê-los, e de novo virado para a janela imobilizou-se em silêncio. Era evidente que se ressentia de ouvir falar em faixas e curativos, mas isso não era motivo para mostrar-se malcriado. E assim pensando Mrs. Hall foi desabafar a irritação sobre a pobre Millie.

Ficou o hóspede naquela sala até quatro horas sem dar a menor explicação da sua atitude. Sempre calado e imóvel, cochilando. Uma ou duas vezes veio para perto das brasas, e por espaço de cinco minutos passeou pela sala. Depois sentou-se na cadeira de braços e deixou-se ficar sem um movimento.

## As primeiras impressões de Mr. Teddy

**Q**UANDO , ali pelo escurecer, Mrs. Hall mobilizava toda a sua coragem para ir indagar do hóspede se queria o chá, Teddy Henfrey, o relojoeiro, entrou.

— Com mil diabos, Mrs. Hall. Está um tempo horrível. Neve de doer.

A hoteleira concordou e, vendo que o moço trazia na mão a maleta do ofício, disse:

— Já que está aqui, Mr. Henfrey, seria bom que desse uma espiada no relógio da sala; anda e bate as horas direitinho; mas o ponteiro pequeno não sai das seis — e levou-o para lá.

Ao entreabrir a porta, Mrs. Hall vislumbrou o hóspede a dormir na poltrona, diante da lareira, com a cabeça enfaixada pendida sobre o ombro. Nenhuma lâmpada acesa. O fogo da chaminé punha em tudo tons rubros, fortemente contrastados de sombras. Mrs. Hall vinha com os olhos ainda ofuscados do lampião que estivera a acender no bar, de modo que ao entreabrir a porta teve a impressão indistinta de que enorme boca escura invadia a parte inferior do rosto do hóspede. Impressão momentânea, porque o homem imediatamente se aprumou na poltrona e levou a mão à boca. Mrs. Hall abriu de todo a porta, inundando a sala com a luz do bar, e pôde então ver mais distintamente o hóspede, já com a boca tapada pela manta

que trazia ao colo, como na mesa a tapara com o guardanapo, convencendo-se de que se havia enganado na sua primeira impressão.

— Dá licença, *sir*, que este moço veja o relógio? — murmurou Mrs. Hall recobrando seus espíritos.

— Veja o relógio? — replicou o hóspede, olhando em redor no estremunhamento de quem sai dum cochilo. E depois, já senhor de si: — Pois decerto.

Mrs. Hall foi em busca de uma lâmpada, enquanto o hóspede se erguia num espreguiçamento. Ao voltar com a luz introduziu Mr. Henfrey, que, ao dar com o homem, “estarreceu”, como o confessou mais tarde no inquérito.

— Boa noite — disse-lhe o hóspede, olhando-o com “cara de lagosta”; o relojoeiro também confessou no inquérito que aqueles olhos negros naquela cabeça enfaixada lhe causaram uma verdadeira impressão de lagosta.

— Um instante só, *sir*. Não pretendo incomodá-lo por muito tempo — disse Henfrey.

— Não incomoda — tornou o hóspede. E depois, voltando-se para Mrs. Hall: — Apesar de que quero este cômodo só para mim, sem que ninguém venha perturbar-me.

— É que o relógio estava desarranjado e pensei que... — começou a justificar-se a mulher.

— Sei, sei — cortou o hóspede. — Apenas a estou prevenindo de que não gosto de ser perturbado.

E voltou-se contra a lareira, de mãos às costas, acrescentando:

— E depois de acabado o conserto quero que a senhora me sirva o chá. Mas só depois, veja lá.

Mrs. Hall assentiu de cabeça, e fez movimento para retirar-se; não queria puxar prosa com receio de que o hóspede lhe dissesse algo desagradável na presença do

moço; ele, porém, a deteve para indagar da bagagem ainda na estação.

— Tudo providenciado, *sir*. Amanhã cedo estarão aqui as suas malas.

— Está bem certa disso? — insistiu ele, e diante da resposta um tanto fria da hoteleira, ajuntou: — Devo dizer-lhe, minha senhora, que sou um investigador experimental. Não expliquei isto no momento da chegada, como me cumpria, por estar literalmente enregelado. Investigador experimental, entende?

— Sim? — fez Mrs. Hall, muito impressionada, arregalando os olhos.

— E minha bagagem contém numerosos aparelhos científicos e drogas.

— Coisas muito úteis, *sir* — comentou a hoteleira.

— Sendo assim, a senhora compreende que eu deva estar ansioso para prosseguir em minhas investigações.

— Pois decerto, *sir*.

— A razão da minha vinda a Iping — continuou o homem, com certa decisão no tom — foi a necessidade de sossego. Não posso ser perturbado em meus estudos. Houve também um acidente...

“Exatamente o que imaginei”, pensou consigo Mrs. Hall.

— ...que me obriga a fugir da sociedade. Meus olhos tornam-se às vezes tão fracos e doridos que tenho de permanecer no escuro durante horas. Não sempre, mas lá de vez em quando. Nessas ocasiões a menor perturbação — a entrada, por exemplo, de um estranho em meu quarto — constitui para mim verdadeiro suplício. É o que desejo que a senhora compreenda.

— Pois decerto, *sir*, e se me desse licença para uma pergunta...

— Basta por hoje — interrompeu o hóspede incisivamente, fazendo Mrs. Hall deixar a pergunta para



outra oportunidade.

Depois que Mrs. Hall saiu da sala (depôs mais tarde o relojoeiro) o hóspede permaneceu de pé junto ao fogo, a atentar no serviço. Mr. Henfrey trabalhava com a lâmpada bem perto do rosto, e o abajur verde projetava toda a claridade sobre suas mãos e sobre o maquinismo do relógio, deixando o resto da sala na penumbra. Quando Henfrey erguia os olhos quase nada via, com a retina ofuscada de manchas verdes. Esse rapaz era curioso por temperamento, de modo que desmontara o relógio sem necessidade, apenas para retardar a permanência ali, na esperança de travar conversa com o misterioso hóspede. Este, porém, não lhe dava ensanchas; conservava-se absolutamente imóvel e silencioso. Tão imóvel e silencioso que Henfrey súbito se afligiu como se estivesse sozinho e ergueu os olhos como a verificar se o hóspede não havia desaparecido. Não. Lá estava ele, com a cabeça enfaixada, a cara de lagosta, imóvel. Henfrey baixou de novo os olhos para o serviço. Depois ergueu-os. E tornou a baixá-los. Era desagradável a situação. O moço sentia a necessidade da troca de algumas palavras, sobre o tempo, que fosse. E começou:

— A neve parece que...

O homem cortou-lhe a frase rispidamente.

— Por que motivo não conclui o seu trabalho, moço? Tudo quanto tem a fazer é fixar o ponteiro das horas no eixo. Qual a razão de estar empalhando?

— Um minuto mais, *sir* — respondeu Henfrey atarantado.  
— É que eu precisava ver se não havia algum outro desarranjo interno.

E tratou de concluir o conserto e raspar-se, muito desapontado. Foi para casa amassando a neve e resmungando consigo.

— Há cada um!... Que homem! Nem olhar para ele a gente pode. Horrível. Com certeza anda assim todo amarrado para esconder-se da polícia. Há de ser isso, vão ver...

Na esquina da Rua Gleeson encontrou Mr. Hall, o marido da hoteleira, que agora guiava o único veículo de Iping quando alguém o requisitava. Naquele momento vinha de volta da estação e parara em Sidderbridge para um descanso.

— Olá, Teddy! — exclamou ele.

— Está em sua casa uma curiosidade bem interessante, Mr. Hall — respondeu o moço.

— Quê?

— Um hóspede dos raros, lá no albergue. Meus parabéns — disse o relojoeiro, e deu uma pitoresca descrição do hóspede. — Parece-me disfarçado, isso. Eu primeiro examinaria a cara dos viajantes antes de recebê-los, se tivesse hotel. Mas as mulheres confiam demais, quando se trata de estrangeiros. Lá se aboletou o fantasma, sem sequer dar o nome.

— Que é que está dizendo? — murmurou Mr. Hall, que era um bruto de compreensão tarda.

— Estou dizendo o que disse. Tomou quarto por uma semana e, seja ele lá quem for, ninguém se livra da sua presença por sete dias. E amanhã chega a sua bagagem. Que não traga só pedras nas canastras são os meus votos, Hall.

Em seguida Teddy contou o caso de uma sua tia de Hastings, lograda por um estrangeiro daquela marca, em cujas canastras só havia vácuo, e essa história deixou o marido de Mrs. Hall tomado de vagas suspeitas.

— Aquela mulher! — murmurou ele. — Tenho de ver a coisa de perto.